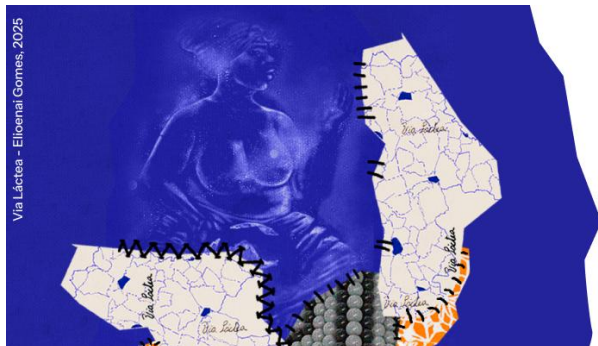


O FAZER CINEMATOGRAFICO EM *UM FILME DE CINEMA*: MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE

Este texto é um relato de experiência pedagógica em Artes, a partir das discussões suscitadas em um seminário na disciplina “Historiografia Audiovisual: Cinema Brasileiro e TV Educativa”, ministrada pelo professor Luís Alberto Rocha Melo do PPG em Artes, Cultura e Linguagem no IAD/UFJF. O documentário *Um filme de cinema*, produzido em 2015 e lançado em 2017 por Walter Carvalho, foi utilizado como objeto de análise por propiciar uma reflexão sobre os processos de criação de um filme na ótica dos entrevistados. O tempo de produção desta obra foi de quatorze anos, como resultado de vídeos gravados com cineastas admirados por Carvalho e resultado desse interesse em torno do cinema e especificamente pelo plano.

Além de aprofundar questões importantes em torno do plano ou *frame*, sobre o fazer cinematográfico quanto à estética, o longa aborda também o uso de novas tecnologias, as dificuldades econômicas para se fazer um filme e a experiência do cinema como prática social. Ao discutir questões relacionadas à estética, às tecnologias, ao aspecto econômico e social, o filme contempla os enfoques tradicionais da história do cinema conforme proposto por Allen e Golmery (1995) tornando importante objeto para a historiografia do cinema brasileiro. Este exercício metalinguístico sobre o fazer cinematográfico no filme em estudo, interessa tanto a estudiosos quanto aos amantes do cinema, pois oferece a todos os espectadores a discussão sobre o processo de construção de uma obra fílmica.

A escolha pela forma historiográfica ensaística para este filme, torna-o dinâmico, com uma pluralidade de vozes em torno da arte cinematográfica a respeito do plano, do ritmo, do som, do tempo, dentre outros. Para Michele Lagny (1997), a história contada de forma não linear e interdisciplinar constrói um saber mais subjetivo, que privilegia as contribuições de diversos profissionais da área, com diferentes perspectivas e estilos. *Um filme de cinema* vai ao encontro do que Lagny expõe,



podendo, diante de posicionamentos diferenciados, ficar a cargo do espectador construir seus conceitos e conclusões.

Esta escolha também propiciou a aplicar a teoria do *critofilm*, termo cunhado por Carlo Ludovico Ragghianti em 1940 e objeto de estudo do italiano Adriano Aprá, crítico e cineasta, que adaptou a teoria para a crítica de filmes a partir de recursos também audiovisuais. A ideia consiste em decompor o filme em planos, desconstruindo-o e analisando-o para apresentar uma crítica por meio de um vídeo-ensaio que requer do crítico conhecimento na área de montagem e/ou informática ou ajuda de um especialista.

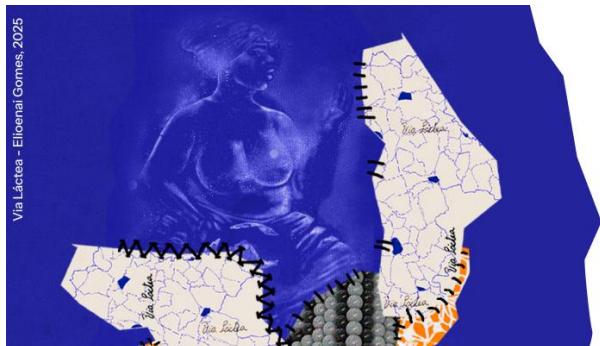
Aplicar o conceito de *Critofilm* a uma análise fílmica escrita significa pensar a crítica como uma experiência visual e sensorial, sensível às formas visuais da obra, explorando aspectos como composição, ritmo e movimento que muitas vezes escapam à descrição textual. Ao utilizar os mesmos meios para refletir, é possível que a experimentação propicie um grau de profundidade mais interessante.

Quanto à experiência do cinema como prática social, *Um filme de cinema* inicia-se com a imagem de um cinema em ruínas no sertão da Paraíba e termina com uma sessão local, focando no fascínio provocado no público da terceira idade ao ver novamente a projeção da imagem na tela. O documentário abre com um poema de Sartre desafiando aos seus contemporâneos a expressarem a primeira experiência com o cinema. Esta ideia é desenvolvida no decorrer das entrevistas quando alguns relatam vivências como espectadores e com o cinema.

Figura 1 – Cena de ruína arquitetônica com projeção de cavalo em movimento



Fonte: Frame do filme *Um Filme de Cinema*. Direção: Walter Carvalho, 2017, 00:25:36.

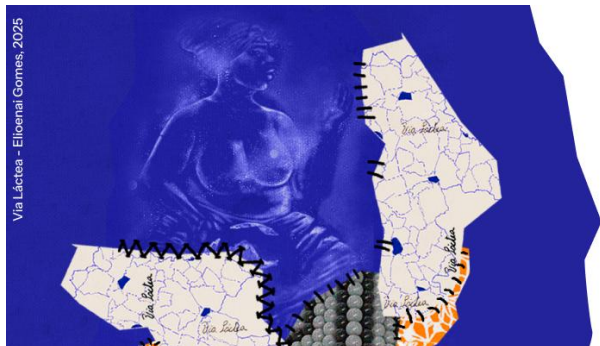


Os participantes respondem por que fazem cinema nos momentos iniciais da obra, deixando claras as motivações diversas de cada artista em seu processo de criar. Essas motivações variam desde fazer cinema quando se está desesperado, quando se está com dúvidas, para contar o que o rodeia, até para mostrar aos netos. Também expressando o momento em que o artista atinge uma genialidade, quando faz cinema para se descobrir, ou para que a confusão se multiplique. Mas a motivação mais definidora é a metáfora do fazer cinema a uma droga, isto é, o artista é completamente dependente da arte que escolheu para se expressar.

Após esta sequência de abertura, parte-se para uma investigação sobre o plano e o enquadramento como ato de selecionar e de aprisionar o tempo. Ainda se estende para a discussão de se filmar planos longos, apresentando sempre cenas de filmes que ilustram o assunto em pauta, como *Limite* do Mário Peixoto, filmado com câmera na altura do chão, capturando só a luz e o movimento, ressaltando a essência do cinema debruçando-se sobre si. *Um filme de cinema* é uma aula sobre o fazer cinematográfico, a importância da memória para o cineasta e a subjetividade de cada artista.

A problematização sobre a obrigatoriedade de usar novas tecnologias para não gerar estilização e os fundamentos do cinema que não mudam apesar do uso delas é tema desta interessante aula. Outra questão é quanto à relação da obra com o artista ao responder se ele faz o filme ou o filme que o faz. Esta indagação reverbera para a importância da construção coletiva do filme com a contribuição de cada um. Fecha-se com as limitações e abrangências do cinema ao se ponderar que o filme é limitado, o cineasta é limitado, mas o cinema tem poder por ser coletivo. Na opinião de Bela Taar, ao encontrar algo simples, profundo e humano, você pode tocar as pessoas, sendo a simplicidade o segredo.

O fotógrafo e cineasta Walter Carvalho, ao trabalhar com as perguntas centrais "Por que você faz cinema?", "Para que serve o cinema?" e a valorização do plano como unidade mínima, constrói uma abordagem metacinematográfica e autocrítica da



linguagem e da prática cinematográfica. O paraibano com mais de meio século de carreira, destacou-se como diretor de fotografia de diversos filmes, incluindo *Central do Brasil* e *Terra Estrangeira*, documentarista e diretor de filmes de ficção, como *Raul – O Início, o Fim e o Meio* e *Lunário Perpétuo*. O interesse de Carvalho pelo plano na construção da narrativa é objeto de suas pesquisas há anos como proposto por ele em entrevistas e de forma mais pontual e didática no Masterclass da ABC quando afirma ter consolidado uma técnica de enquadramento em *Redemoinho* (2016), o que justifica todo o seu interesse em construir *Um filme de cinema*.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Robert C.; GOMERY, Douglas. Parte 1: “Lectura, investigación y redacción de la historia del cine”. In: ALLEN, Robert C.; GOMERY. *Teoría y práctica de la historia del cine*. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 1995, p.17-93.

APRÀ, Adriano. Critofilm. Verso nuove forme di critica e di saggistica. In: APRÀ, Adriano (org.). *Critofilm. Cinema che pensa il cinema*. Pesaro: Fondazione Pesaro Nuovo Cinema Onlus, 2017. e-book.

CARVALHO, Walter (Dir.). *Um Filme de Cinema*. Brasil: H2O Films, 2014.

LAGNY, Michèle. Introducción; Capítulo 1: El método histórico. In: LAGNY, Michèle. *Cine e historia: problemas y métodos en la investigación cinematográfica*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997. p. 17-28.